



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/06/2016 a 16/06/2016

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>10/06/2016</b>	11,78	414,00	32,76	4,95	4,23
<b>13/06/2016</b>	11,69	408,40	32,51	4,91	4,30
<b>14/06/2016</b>	11,69	408,60	32,52	4,85	4,36
<b>15/06/2016</b>	11,56	407,20	31,96	4,77	4,29
<b>16/06/2016</b>	11,34	397,70	31,16	4,72	4,25
<b>Média</b>	<b>11,61</b>	<b>407,18</b>	<b>32,18</b>	<b>4,84</b>	<b>4,29</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais\* (compra e venda)  
no mercado de lotes brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	<b>Média</b>	<b>Var. % relação média anterior</b>
RS - Passo Fundo	91,15	1,22
RS - Santa Rosa	90,75	1,45
RS - Ijuí	90,65	1,34
PR - Cascavel	93,75	1,24
MT - Rondonópolis	90,90	0,29
MS - Ponta Porá	87,40	0,92
GO - Rio Verde (CIF)	91,50	0,88
BA - Barreiras (CIF)	86,50	1,17
<b>MILHO</b>		
Argentina (FOB)**	204,80	1,09
Paraguai (FOB)**	160,01	0,19
Paraguai (CIF)**	193,70	-1,32
RS - Erechim	59,50	-1,65
SC - Chapecó	56,70	-4,71
PR - Cascavel	48,85	-11,02
PR - Maringá	50,90	-12,69
MT - Rondonópolis	33,50	-11,61
MS - Dourados	46,60	-8,90
SP - Mogiana	52,70	-1,50
SP - Campinas (CIF)	55,30	-0,72
GO - Goiânia	49,30	-0,40
MG - Uberlândia	49,50	-2,17
<b>TRIGO</b>		
RS - Carazinho	850,00	0,00
RS - Santa Rosa	850,00	0,00
PR - Maringá	925,00	0,00
PR - Cascavel	925,00	1,09

\*Período entre 10/06/2016 a 16/06/16

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 16/06/2016**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	47,71	83,78	40,05

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
16/06/2016**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	43,12
Feijão (saco 60 Kg)	171,33
Sorgo (saco 60 Kg)	39,21
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,17
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,04
Boi gordo (Kg vivo)*	5,39

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja recuaram fortemente durante esta semana, num claro movimento técnico (o mercado estava sobrecomprado) após as constantes altas das semanas anteriores. O fechamento desta quinta-feira (16) ficou em US\$ 11,34/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 11,76 uma semana antes.

Em termos da economia real, o mercado parece, aos poucos, estar assimilando o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado em 10/06. O mesmo não chegou a mostrar grandes novidades em relação ao relatório anterior, porém, reduziu os estoques finais de soja, para 2016/17, nos EUA. Estes estoques ficaram em 7,06 milhões de toneladas, contra 8,29 milhões em maio, diante de uma produção que permaneceu projetada em 103,4 milhões de toneladas. Nesse contexto, os preços médios aos produtores estadunidenses tiveram seus patamares elevados, ficando agora entre US\$ 8,75 e US\$ 10,25/bushel. Mesmo assim, ainda bem abaixo do que o mercado vem praticando em Chicago. A média para 2015/16 está estimada em US\$ 9,05/bushel, enquanto a de 2014/15 ficou em US\$ 10,10.

O relatório ainda indicou uma produção mundial de soja um pouco menor, ficando agora em 323,7 milhões de toneladas (500.000 toneladas a menos do que o projetado em maio), com estoques finais em 66,3 milhões de toneladas, contra 68,2 milhões em maio. Estes estoques ficariam mais baixos do que os números registrados nos dois anos anteriores (72,3 e 78,3 milhões de toneladas respectivamente), fato que ajuda a dar sustentação às cotações em Chicago. A produção de soja no Brasil e na Argentina, para 2016/17, está projetada em 103 e 57 milhões de toneladas respectivamente. Ao mesmo tempo, as importações chinesas são esperadas em 87 milhões de toneladas, após 83 milhões em 2015/16. Mas atenção: fontes chinesas dão conta de que os números do USDA estariam superestimados quanto às importações de soja por parte da China já que o governo local pretende vender parte de seus estoques oficiais visando reduzir as importações.

Na prática, o mercado agora fica atento ao clima nos EUA que, por enquanto, transcorre bem, e na expectativa do que virá no relatório de plantio final naquele país, previsto para o dia 30/06. Nesse sentido, já começam a surgir projeções privadas indicando aumento da área semeada com soja entre 300.000 e 500.000 hectares (a Informa Economics avança uma área final com soja em 33,9 milhões de hectares, com aumento de 305.544 hectares sobre sua estimativa anterior). Se o mercado não precificar essa informação até o final do mês, em ela se confirmando poderemos assistir a um recuo nas cotações a partir de julho. Particularmente se o clima não causar problemas nas lavouras estadunidenses. Dito isso, a ameaça do fenômeno La Niña (clima mais seco) perpassará todo o ano de 2016 e o primeiro trimestre de 2017, pois o mesmo poderá ser forte no verão da América do Sul segundo alguns meteorologistas. Com isso, as oscilações em Chicago poderão ser importantes durante todo esse período.

Paralelamente, a última safra de soja no Brasil e na Argentina vai se confirmando menor do que o inicialmente esperado. Para a Argentina, o número que se consolida é o de 56 milhões de toneladas (uma quebra bem menor do que se chegou a cogitar em alguns momentos), enquanto no Brasil a Conab reviu para 95,6 milhões de toneladas a última safra, confirmando os alertas que parte do mercado fez meses atrás (o USDA

ainda manteve uma safra brasileira em 97 milhões de toneladas). Esse volume menor disponível na América do Sul mantém a demanda aquecida pela soja dos EUA, ajudando a segurar os preços elevados em Chicago. Na última semana as vendas daquele país chegaram a 1,23 milhão de toneladas, superando o esperado pelo mercado. Enquanto isso, na semana encerrada em 09/06 as inspeções de exportação estadunidenses somaram 136.506 toneladas, acumulando no ano comercial atual (iniciado em 1º de setembro) um total de 43,6 milhões de toneladas, contra 47,4 milhões um ano antes.

Por outro lado, não há problemas climáticos, por enquanto, nos EUA. Nesse sentido, o USDA registrou inclusive melhoras nas condições das lavouras daquele país, com as mesmas passando a 74% entre boas a excelentes (72% na semana anterior), 22% regulares e 4% ruins a muito ruins. Entretanto, é bom lembrar que o período mais crítico das mesmas se dará a partir de meados de julho.

Por sua vez, contrabalançou essa condição baixista o fato de que o FED (Banco Central dos EUA) não ter aumentado a taxa básica de juros em sua reunião desta semana, mantendo o interesse dos Fundos pelas commodities.

Enfim, o esmagamento de soja nos EUA chegou a 4,16 milhões de toneladas em maio, superando o registrado em abril e as expectativas do mercado.

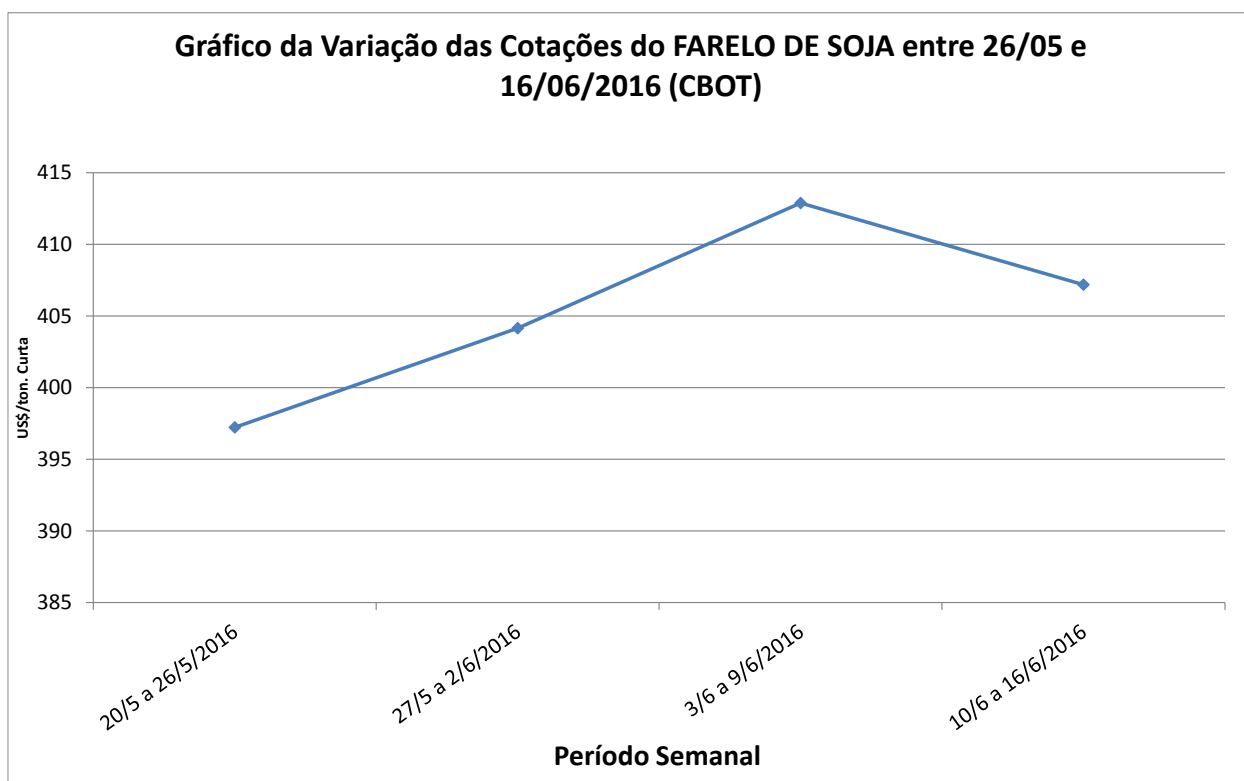
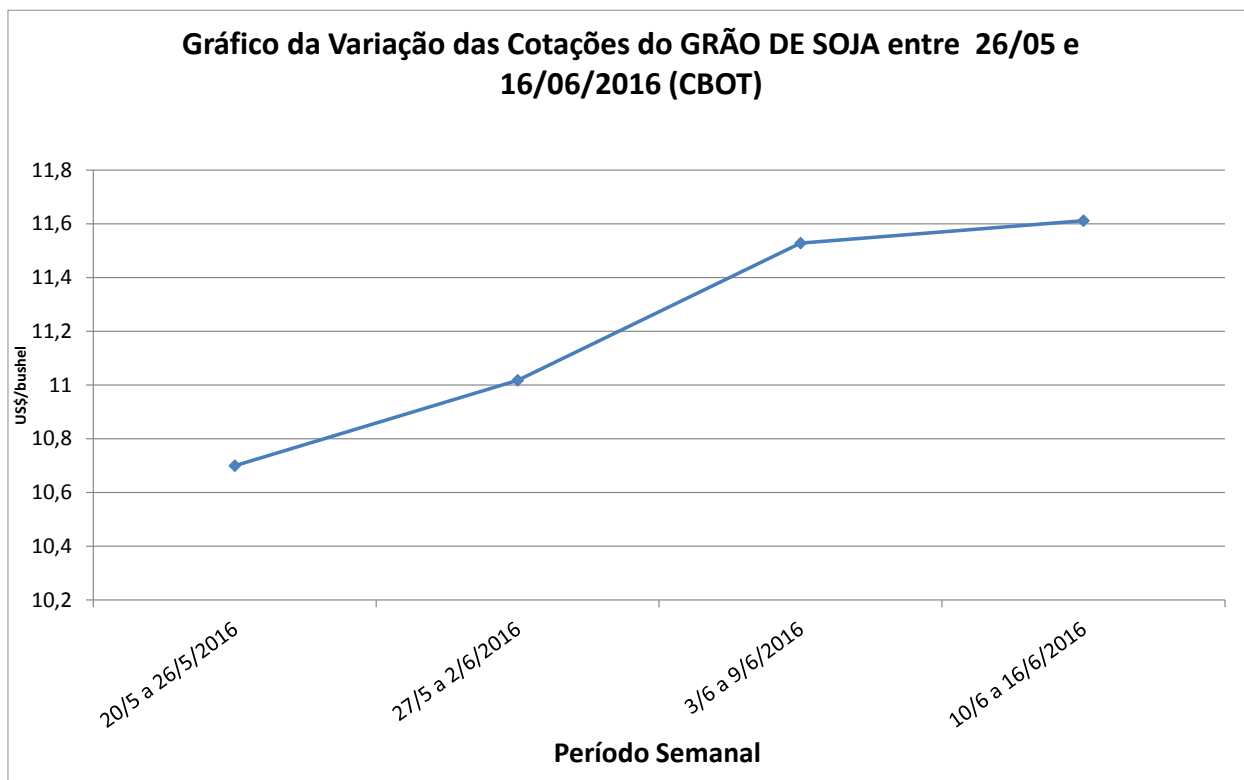
Já na Argentina, até o dia 10/06 a colheita da soja alcançava 87% da área total, ainda estando 10 pontos percentuais atrasada em relação ao ano anterior.

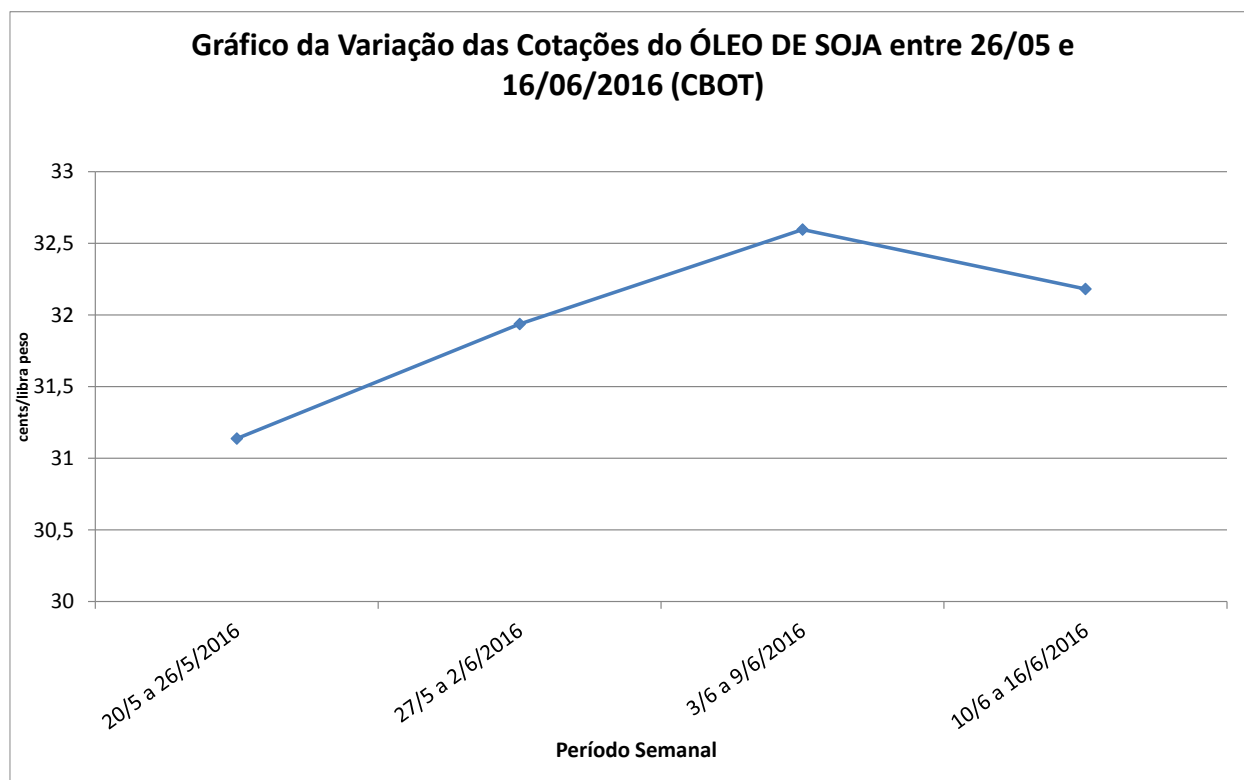
No Brasil, mesmo com um câmbio abaixo de R\$ 3,50, os preços voltaram a subir um pouco mais. Ocorre que o câmbio saiu de um patamar de R\$ 3,36 para R\$ 3,47 durante a semana, auxiliando na formação do preço. Além disso, com mais de 80% da safra vendida, o país vive um momento de entressafra onde a demanda se mantém aquecida, havendo especulações de que o país teria que até importar soja no final do ano. Com isso, os prêmios nos portos brasileiros estão elevados. Para junho os mesmos oscilam entre US\$ 1,00 e US\$ 1,50/bushel, ajudando a dar sustentação aos preços em reais nesse momento.

Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 83,78/saco, enquanto os lotes chegaram a R\$ 90,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes ficaram entre R\$ 78,00/saco em Uruçuí (PI) e Pedro Afonso (TO), passando por R\$ 85,00/saco em Sinop e Campo Novo do Parecis (MT), para chegar a R\$ 93,00/saco em Pato Branco (PR) (cf. Safras & Mercado).

Em termos de preços futuros, a semana fechou com os seguintes valores, segundo igualmente Safras & Mercado: Rio Grande CIF, maio/17, R\$ 92,50/saco; Passo Fundo (RS), maio/17, R\$ 86,50; Paranaguá (PR) CIF, março/17, R\$ 89,00; Rondonópolis (MT), março/17, R\$ 79,00; Dourados (MS) CIF, março/17, R\$ 78,00; Rio Verde (GO) CIF, fevereiro/17, R\$ 83,50; Brasília (DF) CIF, abril/17, R\$ 80,00; Santos (SP), maio/17, R\$ 90,00/saco; Uberlândia (MG) CIF, março/17, R\$ 80,00; Barreiras (BA) CIF, maio/17, R\$ 83,00/saco, Balsas (MA) CIF, março/17, R\$ 76,50; Uruçuí (PI), mar/17, R\$ 77,50; Pedro Afonso (TO), março/17, R\$ 77,50/saco.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 26/05/2016 a 16/06/2016.





## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram em boa parte da semana, alcançando US\$ 4,36/bushel no dia 14, cedendo posteriormente e fechando a quinta-feira (16) em US\$ 4,25/bushel, contra US\$ 4,26 uma semana antes.

O relatório do USDA, do dia 10/06, manteve a safra dos EUA em 366,5 milhões de toneladas para 2016/17, com estoques finais menores, se estabelecendo em 51 milhões de toneladas, contra 54,7 milhões indicados em maio. O preço médio aos produtores locais ficou entre US\$ 3,20 e US\$ 3,80/bushel para o novo ano comercial, sendo elevado em até 20 centavos de dólar em relação a maio. Já a produção mundial de milho também foi mantida em 1,01 bilhão de toneladas, com estoques finais em 205,1 milhões. A produção do Brasil e da Argentina está projetada em 82 e 34 milhões de toneladas respectivamente, sendo que o Brasil exportaria 23 milhões de toneladas.

O mercado agora se concentra no relatório de plantio, previsto para o dia 30/06, assim como no comportamento do clima nos EUA diante das ameaças de incidência do fenômeno La Niña (seca). Todavia, assim como no caso da soja, o clima transcorre bem para o milho até o momento. No dia 12/06 o USDA apontou que 75% das lavouras estão em condições entre boas a excelentes.

Paralelamente, as exportações semanais estadunidenses foram elevadas, alcançando 1,7 milhão de toneladas e confirmando que a demanda deixou de lado o Brasil, que praticamente não está exportando o cereal no momento, em favor do produto dos EUA.

Vale ainda lembrar que se espera uma pequena redução na área semeada com o cereal, fato que deverá ser anunciado em 30/06. O analista privado Informa Economics

avança uma área final de 37,5 milhões de hectares, o que seria algo em torno de 328.000 hectares a menos do que o indicado na intenção de plantio do dia 31/03, porém, 5% acima do que foi semeado no ano anterior.

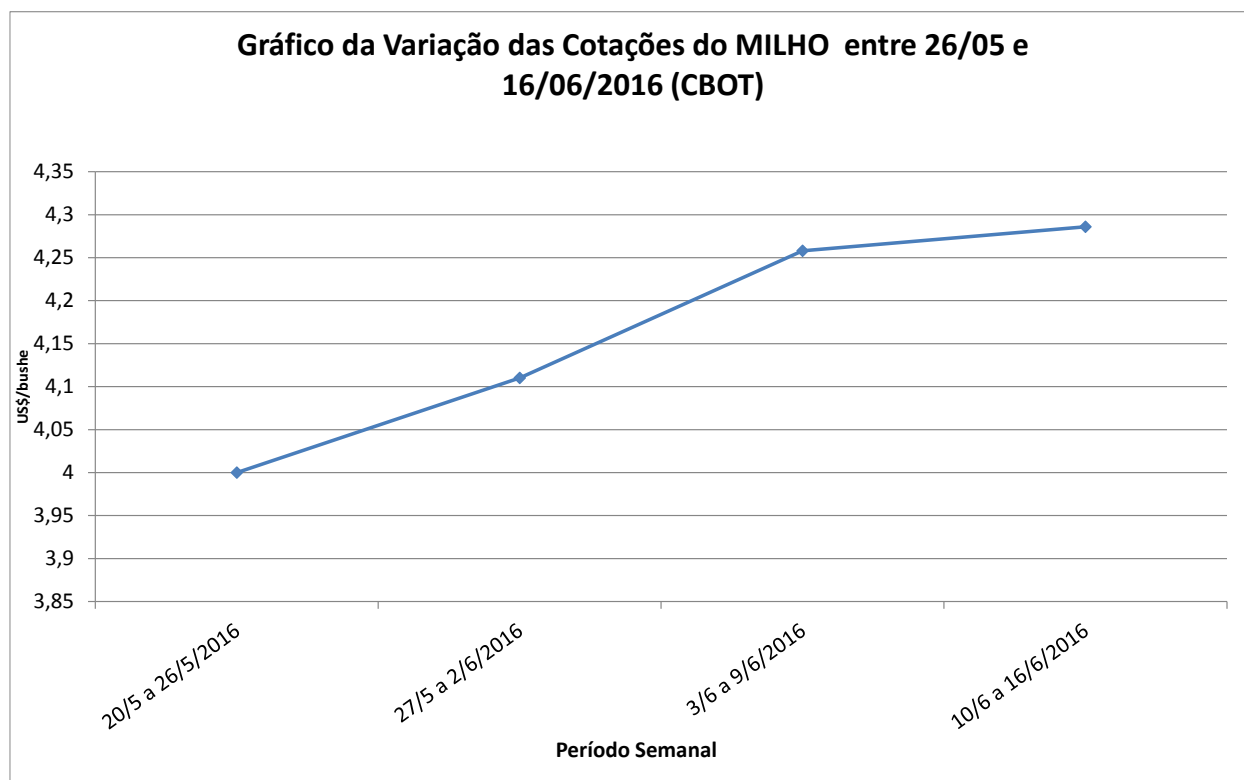
Na Argentina e no Paraguai, a tonelada FOB exportação ficou em US\$ 206,00 e US\$ 160,00 respectivamente.

Aqui no Brasil, o saco do cereal, no balcão gaúcho, fechou a semana na média de R\$ 47,71, enquanto os lotes recuaram para R\$ 59,00/saco na maioria das praças do Estado. Nas demais localidades nacionais os lotes giraram entre R\$ 27,00/saco em Sapezal e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 55,00/saco na maioria das praças de Santa Catarina. Nota-se, portanto, um início de recuo nos preços do milho, pressionados que estão pela entrada da safrinha, mesmo esta acusando quebras de produção em alguns Estados.

Nesse sentido, as fortes geadas nas regiões produtoras do Paraná, do Paraguai, sul do Mato Grosso do Sul e de São Paulo, na semana passada, teriam prejudicado as lavouras mais tardias. Em contrapartida o ritmo da colheita no Mato Grosso é muito bom e o mercado tem buscado se abastecer neste Estado enquanto o restante da safrinha ainda não está sendo colhida.

Nesse contexto, o mercado, aos poucos, vai buscando um novo patamar de preços, embora não se espere recuos muito significativos dos mesmos nas regiões mais ao sul do país, tamanha é a falta do produto. Dito isso, a tendência agora é de baixa no preço do milho. Tanto é verdade que, além do que já se viu anteriormente, em São Paulo o referencial Campinas recuou para R\$ 53,00 a R\$ 54,00/saco CIF, enquanto as ofertas no interior já estão ao redor de R\$ 50,00/saco FOB. E a colheita da safrinha está apenas em seu início. A questão agora é definir o quanto de quebra realmente houve na mesma e, a partir daí, em que níveis os preços irão se estabilizar até a nova safra de verão começar a pesar sobre o mercado.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 26/05/2016 a 16/06/2016.



## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, após terem rompido o teto dos US\$ 5,00/bushel na semana anterior, voltaram a recuar nesta semana, fechando a quinta-feira (16) em US\$ 4,72/bushel, contra US\$ 5,10 uma semana antes.

O relatório do USDA, do dia 10/06, acabou sendo baixista para o mercado do cereal, pois elevou as projeções de colheita. A safra dos EUA foi elevada para 56,5 milhões de toneladas em 2016/17, enquanto os estoques finais no país subiram para 28,6 milhões. Assim, o patamar de preços médios aos produtores locais, no transcorrer do ano, passou a valores entre US\$ 3,60 e US\$ 4,40/bushel, com perda de 10 centavos de dólar em relação ao indicado em maio. Para a safra mundial de trigo, a produção está agora estimada em 730,8 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais ficam em 257,8 milhões. A produção da Argentina será de 14,5 milhões de toneladas, enquanto a brasileira está projetada em 5,3 milhões. Com isso, segundo o USDA, o Brasil importaria, nesse novo ano comercial, um total de 6 milhões de toneladas.

Enquanto isso, as vendas líquidas de trigo por parte dos EUA, na semana encerrada em 02/06, chegaram a 223.800 toneladas para este novo ano comercial iniciado em 1º de junho, ficando dentro do esperado pelo mercado.

Já a estimativa de área semeada com o cereal, número que virá com o relatório de plantio do dia 30/06, está agora em 20,3 milhões de hectares, segundo a Informa Economics. É uma elevação em relação a sua previsão anterior, porém, o mesmo representa um recuo de 4,5 milhões de hectares em relação ao ano anterior. Isso poderá dar sustentação futura às cotações do cereal.



No Mercosul, os preços da tonelada FOB exportação de trigo permaneceram entre US\$ 210,00 e US\$ 230,00.

No Brasil, o preço médio no balcão gaúcho continuou subindo, fechando a semana em R\$ 40,05/saco. Os lotes, neste mesmo mercado, atingiram a R\$ 830,00/tonelada ou R\$ 49,80/saco, com picos até R\$ 54,00. No Paraná os lotes se mantiveram em R\$ 900,00/tonelada (R\$ 54,00/saco), com momentos acima de R\$ 57,00.

Na prática, o mercado do trigo continuou refletindo a maior demanda por parte das indústrias de ração, que buscam substituir o milho que está mais caro. Todavia, o recuo nos preços do milho tende a frear esse processo, podendo puxar para baixo os preços do trigo nas próximas semanas. No Paraná, os preços do trigo já chegam a superar em 6% o valor pago pelo milho. No Rio Grande do Sul, tradicional importador de milho, ainda o trigo está mais interessante. Entretanto, nos dois casos a oferta deste último cereal é cada vez menor diante do fracasso da safra passada. Com isso, a pressão dos moinhos, os quais irão assumir as compras de forma mais decisiva de agora em diante, deve segurar uma queda mais acentuada nos preços do trigo.

Nesse contexto, já se especula que no Paraná poderá haver déficit de oferta junto aos moinhos menores, enquanto no Rio Grande do Sul esse quadro deverá afetar igualmente os moinhos maiores, forçando um aumento nas importações do cereal procedente do Mercosul. Com a recente revalorização do Real tais importações ficaram até mais interessantes do que o produto encontrado no mercado interno (cf. Safras & Mercado).

Paralelamente, o plantio do trigo no Rio Grande do Sul está atrasado devido as fortes e constantes geadas. Segundo a Emater, o mesmo chegou a 24% até o dia 09/06, enquanto no Paraná, segundo o Deral, o mesmo atingia a 71% da área.

Em síntese, no curto prazo as altas nos preços do trigo estão ligadas ao alto preço do milho. Em este se mantendo, o trigo continuará valorizado. Caso contrário, tais preços tenderão a estagnar e mesmo baixar. No médio e longo prazo, os preços estarão balizados pelo comportamento de Chicago e o câmbio no Brasil, fatores que irão definir o valor da importação do produto. Igualmente, irá pesar a futura safra do cereal. A mesma, que transcorre bem no Paraná, encontra dificuldades para ser incrementada no Rio Grande do Sul pela falta de sementes, além de haver muitos casos com problemas de qualidade devido a péssima safra do ano passado. Isso poderá comprometer o volume da futura safra gaúcha, mesmo em clima favorável.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 26/05/2016 a 16/06/2016.

**Gráfico da Variação das Cotações do TRIGO entre 26/05 e 16/06/2016 (CBOT)**

